



## Sei que estou em viagem: opção definitiva!

*Joana Ribeiro, irmã concepcionista ao serviço dos pobres*

O amor é um movimento de liberdade para além da pele e do espaço, uma melodia composta e já não audível a duas mãos, um mistério de promessas e amanhã que precisa de outro rosto. E surge, numa vida tão simples e banal, “a revelação insensata de um Deus surpreendente”<sup>1</sup>. Falar do Deus do espanto é falar dos que se espantaram, da sua história, do seu nome. Joana Ribeiro, 40 anos, Irmã Concepcionista ao Serviço dos Pobres. Localização: em viagem!

### **Sem rima obrigatória**

Já regresssei de Timor-Leste há quatro anos, mas muito foi o que lá vivi, não pelos dias que se somam mas pelos momentos que nunca se dividem. Cheguei à terra do sol nascente em 2011, cheia de palavras e de vazios, com muitas perguntas e inquietações e um medo, quase uma certeza, de não ser capaz de ser e viver a missão como li, como escutei, como desejava. Mas Deus toma-nos, assim, vacilantes e quase desarmados e aceita a nossa impotência e hesitação. Se Ele trabalhasse numa empresa de recrutamento destas do século XXI, tê-lo-iam despedido logo na primeira semana. O que o amor vê! Vi-me perante desafios inusitados que trouxeram “*estrofes completas/de uma história feliz/sem rima obrigatória.*”<sup>2</sup> E abriu-se um caminho que nem o confinamento consegue selar e um vendaval de palavras continua a levantar-se e a trazer notícias de Deus. “*Cada ser humano está esfomeado e sedento de beleza, mas o discernimento da beleza*

<sup>1</sup> Bingemer (2013). *Viver como crentes num mundo em mudança*. Paulinas Editora, Prior Velho, p. 50.

<sup>2</sup> Hermano Filipe, OFMcap (2006). *O verde em que eu toquei*. Franciscanos Capuchinhos, Porto.

*reveladora de Deus e da sua ação requer uma educação da inteligência do coração, um caminho de discernimento nunca concluído, um caminho árduo de procura do sentido inscrito em cada beleza.”<sup>3</sup>*

E, a caminho, o diálogo começou! Até aí, um monólogo cheio de muros e decisões sublinhadas, não passíveis de mudança. Uma só cor. E cessaram as palavras, pois aquelas que até aí nomeavam e abriam espaços de encontro eram, naquele chão, estéreis e impercetíveis. Mas as cores, essas eram mais vivas e abundantes que nunca. O verde dos campos de arroz, o alaranjado do sol nascente, o azul límpido do mar e a noite mais luminosa que já contemplei. Eu não falava tétum e eles não compreendiam português. E fez-se silêncio, aquele que doi e desinstala, mas que abre espaços por onde é possível escutar novas melodias. Aprendi novamente as minhas primeiras palavras numa outra língua e, num povo que falava de Deus em todas as circunstâncias, fosse na oração de laudes, fosse na reunião dos chefes de bairro. Sim, descobri que Deus me falava em tétum, que tinha a pele da cor do chocolate e os seus pés e mãos estavam tão calejados como os dos agricultores nos campos de arroz!

E mudei! Cortei o cabelo bem curto pois a água era escassa e o tempo também. As roupas tornaram-se mais leves e bastavam uns simples chinelos de 50 cêntimos no quiosque mais próximo de casa para estar pronta para ir. Havia muito a fazer e era urgente ser. Levantava-me às 4h da manhã. Ainda escuro passava pelo mercado e ouvia, sem ver, as pessoas que me cumprimentavam e já me esperavam: bom dia, irmã Joana! Nunca se passa sorrateiro quando se encontram irmãos e é familiar a voz dos que nos chamam. Estava em Laleia, Distrito de Manatuto, Diocese de Baucau, na missão confiada aos Franciscanos Capuchinhos e éramos chamados de “irmã” e “irmão”.

Do jardim de infância à rádio comunitária; da preparação da liturgia, das sessões de catequese à biblioteca; dos livros às exposições culturais; das celebrações nos bairros às reuniões na administração local; do transporte de doentes a Díli à Pastoral da Pessoa Portadora de Deficiência; das aulas na escola secundária às fotocópias e ao apoio ao estudo; e chegava o descanso merecido do fim de semana com a ida às montanhas, caminhando durante horas para estar com aqueles que a guerra levou para mais longe e nunca mais foram capazes de regressar. E eu vi-me feliz, mas tão feliz que ainda hoje não sei que palavra melhor o pode descrever, nem sequer em tétum, a não ser aquela que indicava a fonte da minha sede: Maromak, Deus!

---

<sup>3</sup> Bianchi, Enzo (2019). In “Observatório da Cultura” 25 (novembro 2019) in [https://www.snpcultura.org/a\\_beleza\\_ver\\_o\\_invisivel\\_no\\_visivel.html](https://www.snpcultura.org/a_beleza_ver_o_invisivel_no_visivel.html)

## A arte da procura

*“A alegria do Evangelho pede-nos para construirmos uma espiritualidade como arte da procura.”<sup>4</sup>*

Eu encontrei-Te, de joelhos nas capelas de terra batida feitas de troncos de palmeira, de mãos entaladas na lama dos campos de arroz e nas palavras do Evangelho que ressoavam nas da avó Francisca, que me beijava as mãos à procura das Tuas.

Acordei irmã após a luta, de tantas noites a chorar aos teus pés, sem perceber, sem conseguir acolher a mudança, de tantos “nãos”, de projetos paralelos e de escolhas que já não iam amanhecer. E rompeu a aurora (cf. Gn 32, 27) e a opção até aí desconhecida tornava-se carne, num caminho de veias e de vida. A vida consagrada nunca tinha sido opção e agora também já tinha deixado de ser. Reconfigurada, sem palavras para me dizer, era quem eu era: irmã Joana. Não num vazio transcendente, mas num correr ao encontro, sem ponteiros que não o bater do coração, teu e meu. *“A nossa fé é desafiada a entrever o vinho em que a água pode ser transformada.”<sup>5</sup>* Sabia que a alegria que sentia não estava circunscrita a uns anos em missão, não era resultado de uma atividade passageira, mas a revelação de quem eu era.

Quando em 2014 pronunciei “eu acho que Deus me chama à consagração, a ser irmã” e quando escutei esta verdade de mim mesma, chorei, chorei, chorei sem conseguir parar. Escrevi: *“Amanheço, /dia após dia,/rascunhando um horizonte novo./Nasço/a ouvir o segredar da sede/sôfrega de quem enche/o cântaro ao longo do caminho.//E acordo, /a escrever outro poema /com as penas que a vida me deixou/ na tinta que nada apaga/ nas horas do ponteiro de Deus.//Nasço a pouco e pouco,/ e vejo o sol nascer /de olhos fechados./ Contigo, /o sol nasce dentro de mim!”*

O pouco que conhecia sobre a vida consagrada feminina vinha do contacto escasso com umas irmãs onde fazíamos atividades juvenis. Apenas usávamos o espaço exterior e nunca soube o seu nome, nem a missão que abraçavam. Sempre me pareciam tão distantes, com palavras e olhares duros, quase empedernidos. Não queria que a minha vida se tornasse desenxabida, fechada e a preto e branco. Não sentia ser a isso que Deus me chamava.

*“Se até agora o protagonista foi Deus que bateu e se apresentou com a sua palavra, com a sua ação no mundo, no templo, na história, no seu Messias e no coração do homem, agora sobe à ribalta a criatura humana que responde ao seu Deus com a sua palavra, as suas obras, a sua identidade diversa, a sua finitude e culpabilidade, as suas expectativas e esperanças.”<sup>6</sup>* Estava na hora de arriscar e de começar um caminho novo, já desenhado por Deus e a “escrever-se” dentro de mim.

---

<sup>4</sup> Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (2014). *Sondai o Horizonte*. Paulinas Editora, Prior Velho.

<sup>5</sup> Papa Francisco (2013). Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 84.

<sup>6</sup> Bingemer (2013). *Viver como crentes num mundo em mudança*. Paulinas Editora, Prior Velho, p. 86.

## Amor que habita

*“Se Cristo não passasse e não batesse, nós ficaríamos fechados na nossa história solitária e autónoma.”<sup>7</sup>* Da escuta veio a clareza e uma brisa bem suave. Havia um espaço e umas irmãs onde sempre me sentia em casa: as irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres. Passei a viver numa comunidade e a ser uma irmã a “fazer-se”. A minha história não começava ali. Tudo que já tinha vivido nos meus 34 anos não ficaram à porta, mas era necessário deixar as redes (cf. Mt 4, 20). Mas como acomodar tudo o que já tinha vivido (as relações, o trabalho, a independência económica) e unificar-me para não serem duas vidas separadas, antes e após viver no convento, mas ser “eu” totalmente? *“O Deus que age e trabalha no mundo pode ser experimentado como amor que habita e plenifica a vida humana. (...) Experimentado no seu mistério, esse Deus suscitará, por parte do homem, um agir que não será mais dele, mas indissoluvelmente entrelaçado num só movimento com o agir de Deus. Encontrar a Deus será, assim, encontrar ao mesmo tempo o mundo e os outros, e contemplar a Deus será sinónimo de fazer acontecer no meio da realidade, com todas as suas ambiguidades e problemas, o Reino de Deus.”<sup>8</sup>* Era necessário entrelaçar e deixar-me habitar e não apenas vaguear noutra habitação ou fazer do hábito outra roupa.

Lavrei a paixão e semeiei encontro, na procura sôfrega do sentido que a palavra de Deus dava a cada dia e a cada gesto. O apelo do Papa Francisco no ano da vida consagrada ficou sempre a ressoar: *«Cultivem a paixão por Cristo e a paixão pela humanidade. Sem paixão por Cristo e pela humanidade, não há futuro para a vida religiosa e consagrada. A paixão lançar-vos-á para a profecia, a serem fogo que incendeia outros fogos».*

Regressei a Portugal, após 6 anos em Timor e quase três anos com as irmãs. Era noviça em caminhada de formação, mas sempre a coxear. Uma bactéria tinha atacado o meu corpo e impedia-me de caminhar de forma célere e sem cambalear. Não deixei de caminhar, apenas o fiz de forma mais lenta, sofrida, sentindo cada passo e cada pedra do caminho. *“Nunca percais o impulso de caminhar pelas vias do mundo, a consciência de que caminhar, ir até com passo incerto e a coxear, é sempre melhor do que estar parados, fechados nas próprias interrogações ou certezas.”* Fiz a minha profissão religiosa a passos contados, apoiada em tantos que me rodearam e posso dizer que foi, sem dúvida nenhuma, o dia mais feliz que vivi. Cada leitura, cada interpelação, cada cântico, cada palavra, que escutei e disse com as lágrimas a escorrer pelo meu rosto, foram vividos plenamente com o Senhor, numa opção definitiva por Ele.

---

<sup>7</sup> *Idem.*

<sup>8</sup> *Idem.*

É verdade! Sendo eu, hoje, tão diferente do que era, permaneço, estranhamente a mesma. Vivo a beleza de quem se deixa moldar na arte inquieta e inútil do amor. Dizia Nuccio Ordine “efetivamente, no universo do utilitarismo um martelo vale mais do que uma sinfonia, uma faca mais do que um poema, uma chave inglesa mais do que um quadro, porque é mais fácil perceber a eficácia de um utensílio e cada vez mais difícil compreender para que servem a música, a literatura ou a arte”<sup>9</sup> e, acrescentaria eu, da vida consagrada. Madre Maria Isabel, fundadora da nossa congregação, falava da vida consagrada como “a arte de nos darmos verdadeiramente a Jesus”. É a esta arte a que me dedico dia a dia, em rascunhos toscos e muito imperfeitos. Chamada a ser artesã e a participar nesta grande obra de arte que é cada vida humana, a ser operária numa Igreja a “fazer-se”, estamos todos juntos a caminho, nas nossas diferenças de carismas e de visões, mas unidos pelo mesmo Amor que nos atrai, habita e envia.

### **“Sei que estou em viagem na palavra que se move”<sup>10</sup>**

O desvio e o traço rasgado das palavras vivas que o amor mastiga e transforma ganham relevo, uma força e um movimento perene, mas sempre novo. No rio do tempo, apenas “*sei que estou em viagem na palavra que se move*”, que me agita e renova, como projeto de Deus que sou, projeto amado e sempre inacabado. “*Talvez o mistério da vida ande por esta metáfora: uma porta que nos deixa prever, pressentir uma realidade maior, ao mesmo tempo, ainda por alcançar*”.<sup>11</sup>

A opção definitiva é, para mim, todos os dias, pôr os pés ao caminho, numa interrogação constante de como ser mais fiel à escuta da Palavra, como vivê-la na autenticidade, criatividade e novidade que Deus é. “*O segredo da fidelidade na Vida Religiosa Consagrada está no encantamento por Jesus, pela sua pessoa, o seu evangelho e o seu projeto de vida. O segredo do seguimento missionário do consagrado e da consagrada está no encantamento pelo estilo e pelo modelo de vida missionária de Jesus. O segredo da vida espiritual do consagrado e da consagrada está na capacidade de se encantar ou se reencantar cada dia, de começar sempre de novo, e partir, sem olhar para trás. O segredo da Vida Consagrada está na fidelidade e na perseverança. Quem assim não vive, a chama da vocação apaga-se e a vida perde o seu sentido e vira fadiga e rotina. Neste estado de ânimo, dificilmente uma vocação se manterá fiel e perseverante à obra e à missão.*”<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Nuccio Ordine. “A utilidade do Inútil” in Branco (2019). “Diário Gráfico: a experiência de Deus na vida diária”. Frente e verso, Braga.

<sup>10</sup> Daniel Faria (2012). *Poesia*. Porto Editora, Porto.

<sup>11</sup> Branco, Nuno (2019). “Diário Gráfico: a experiência de Deus na vida diária”. Frente e verso, Braga.

<sup>12</sup> Mensagem do presidente da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da CNBB, Dom Pedro Brito Guimarães, 19/08/2013.

O seguir implica acolher qualquer caminho. Nem sempre as paisagens que encontrei foram belas, mas no permanecer cresceu em mim a liberdade, a sensibilidade e o amor que me abria à oração e ao encontro. E parto no desejo de O seguir na inteireza, de me libertar dos formalismos e das estruturas que me aprisionam e me imobilizam no conforto dos espaços e das coisas. Quero viver pobre, casta e obediente, quero viver o Evangelho sem glosa, como dizia São Francisco de Assis. Não sei o futuro de meu rosto, mas cultivo a ousadia de viver e saborear o Evangelho.

E no fim, volto ao início, aquele feito de sol nascente e terra vermelha entranhada nos meus pés. Quando, em 2013, na noite de quinta-feira santa, o rio fez aluir um pedaço de terra, tivemos de caminhar cheios de lama até à cintura. Fizemos o caminho de olhos fixos no céu e chegamos a Cairui, para celebrar a Eucaristia, eu e o frei Filipe, certos que aquela veste feita de lama era a veste nupcial que o Senhor esperava. E vivi o “lama-pés!”: *“Só hoje percebi/ que é preciso enterrar os pés na lama/para lavar a alma; /que é preciso ter calos e suor a cobrir-nos o rosto/para ser peregrino; /que é preciso ser irmão/para comungar do teu Pão;/que é preciso ser filho/para te deixar pegar na minha vida;/que é preciso a tua vontade/para que o caminho se abra; /que com o caminho marcado nos pés/os pés seguem o caminho; /que para lavar os teus pés/me pedes apenas os meus pés!”* (28/02/2013, 5.ª feira santa). Eis os meus pés, em viagem pela palavra que me move para Ti, Tu que és a minha opção definitiva!